

Perfil dos docentes de jovens universidades brasileiras: estudo comparativo entre UTFPR e UFABC

RESUMO

Agnaldo da Costa

guinecosta2@gmail.com
[0000-0002-9955-2854](tel:0000-0002-9955-2854)

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Luiz Alberto Pilatti

lapilatti@utfpr.edu.br
[0000-0003-2679-9191](tel:0000-0003-2679-9191)

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Celso Bilynkiewicz Santos

bilynkiewicz@globol.com
[0000-0003-2107-8299](tel:0000-0003-2107-8299)

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Caroline Lievore

carolievore1@gmail.com
[0000-0003-2448-089X](tel:0000-0003-2448-089X)

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

O objetivo do presente estudo é comparar o perfil dos docentes de duas das mais importantes jovens universidades do Brasil, uma clássica, a Universidade Federal do ABC e a outra tecnológica, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), nos aspectos gerais do docente (faixa etária, gênero, bolsa de produtividade); na formação do docente (região e país de formação, mobilidade nacional, internacional e domínio de idiomas); na experiência profissional do docente (país e região de formação, atividades complementares, áreas de atuação); e dos produtos desta formação e experiência profissional. O estudo é comparativo e exploratório. O corpus documental foi constituído através de dados da Plataforma Lattes utilizando mineração de dados e estatística descritiva com 623.726.000 registros analisados. Os resultados apontam para as variáveis como bolsas DT e PQ, formações nas regiões Sul e Sudeste, experiência profissional e outras variáveis que diferenciam o perfil dos docentes destes dois modelos de universidades.

PALAVRAS-CHAVE: Universidades tecnológicas. Universidades clássicas. Perfil dos docentes.

INTRODUÇÃO

As Instituições de Ensino Superior (IES) são avaliadas através de *rankings* internacionais como o *QS World University Ranking*, da empresa britânica *Quacquarelli Symonds* (QS); o *Academic Ranking of World Universities* (ARWU), produzido pela *Shanghai Jiao Tong University* e o *Times Higher Education World University Rankings* (THE) desenvolvido em parceria com a Thomson Reuters.

Entre os *rankings* internacionais, pinçando apenas o *QS World University Ranking* na edição de 2018, uma Universidade Tecnológica (UT), o *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), ocupa o primeiro lugar entre as 1000 melhores universidades do mundo. O QS também avalia as 400 melhores IES da América Latina, através do *QS World University Ranking Latin American*, e entre essas, 26 são Universidades Tecnológicas (UTs). A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), aparece classificada neste *ranking* na 117ª posição. Já na última avaliação de julho de 2018 o *The World University Rankings*, classifica a UTFPR em 49ª posição da América Latina, considerando apenas universidades tecnológicas, seu *ranking* vem para 3ª melhor da América Latina. Tendo em vista que somente após 2005 a UTFPR foi consagrada universidade, é possível dizer que a instituição é a UT mais jovem do *ranking Latin American*.

No Brasil, o *Ranking* Universitário Folha (RUF), realizado anualmente pelo Jornal Folha de São Paulo, avalia dois produtos principais: o *ranking* de universidades e o de cursos.

No RUF (2017), foi disponibilizado a classificação das universidades mais jovens do Brasil, com menos de 30 anos de fundação, e a UFABC aparece ranqueada em primeiro lugar. No *ranking* do *The World University Rankings* em 2018 aparece a UFABC, objeto de comparação deste estudo, classificada em 34ª posição da América Latina, nesse contexto ela está inserida no *ranking* do grupo de Universidades Clássicas (UCs), que na visão de Cunha (2007), fundamenta sua filosofia de atuação na unidade entre ensino e pesquisa estabelecida pelo educador e reformador alemão Wilhelm von Humboldt (1767-1835).

A UFABC apresenta como diferencial projetos interdisciplinares e vem se destacando a cada ano como uma das melhores universidades do país, ocupando o primeiro lugar entre as universidades brasileiras no *Ranking* SCImago nos quesitos excelência em pesquisa, publicações de alta qualidade e impacto científico. Destaca-se também como uma das universidades mais promissoras do século XXI (UFABC, 2017). A instituição possui dois campi, Santo André e São Bernardo do Campo, ofertando cursos nas áreas de Engenharia, Ciências Exatas e da Terra e Educação e um corpo docente formado por 679 doutores.

A UTFPR, que na classificação geral do RUF (2017) ocupa a 49ª posição, na classificação das jovens universidades, foi alocada de forma equivocada. O *ranking* considerou a origem da instituição em 1909, quando ainda era Escola Técnica de Aprendizes e Artífices, porém, como universidade, a UTFPR surgiu apenas em 2005.

No mundo todo, o modelo de UT surgiu de duas maneiras: foram criadas como IES voltadas para o ensino nas áreas de engenharias e tecnologias ou foram transformadas a partir do ensino técnico profissionalizante (PILATTI; LIEVORE, 2018). Basicamente, as UTs nasceram da necessidade de capacitar profissionais

para o mercado e para a tecnologia (POHL; SCHIEFLER FILHO, 2006; PILATTI; LIEVORE, 2018).

A UTFPR possui 13 campi, com cursos nas áreas de Engenharia e Tecnologia e seu corpo docente é composto de 2.549 professores, destes 1.730 são doutores. Sua missão baseia-se no desenvolvimento de uma educação tecnológica de excelência, e se propõe a ser modelo educacional de desenvolvimento social e referência na área tecnológica (UTFPR, PDI, 2013).

Este estudo tem como objetivo comparar o perfil dos docentes destas duas mais importantes jovens universidades do Brasil, uma clássica, a UFABC e a outra tecnológica, a UTFPR, quanto aos aspectos experiência profissional, formação acadêmica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como uma instituição milenar, a Universidade tem sido intimamente associada com a classe dominante e gerida por acordos e padrões estabelecidos pelas autoridades políticas centrais. Para Brito Cruz (2010), a universidade é o locus em que pesquisadores, geram novos conhecimentos fazendo avançar o domínio da compreensão humana sobre o mundo. Na perspectiva de Chauí (2003, p.5), a universidade é uma “instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo”.

Para analisar a gênese das universidades, Cunha (2007, p. 14) destaca que a concepção prática de universidade, ou seja, a “ideia de universidade” foi determinada entre 1802 e 1816 por nomes como Hegel, Schelling, Ficht, Scheleirmacher e Humboldt. Estes filósofos do idealismo alemão concordavam que a concepção de universidade implicava na “manifestação diversa do saber uno” e, sob outra perspectiva “a totalização sistemática do saber diverso”, dando origem a dois modelos de universidade: a liberal e a autoritária.

Para Kerr (1982), houve uma evolução da concepção de universidade, inicialmente fundamentada no modelo clássico das universidades britânicas, apresentado por Newman (1852), em que o conhecimento liberal foi sendo transmutado para um conhecimento útil, e uma concepção utilitarista que visava fundamentalmente a pesquisa. Newman acreditava que outras instituições deveriam encarregar-se da pesquisa porque, “se o seu objetivo fosse a descoberta científica e filosófica, eu não vejo porque a universidade devesse ter estudantes”. Essa observação ainda é discutida pelos estudantes, quando acreditam que seus professores não estão interessados neles, mas apenas na pesquisa (KERR, 1982, p. 20).

O conceito de “universidade moderna” transformava filósofos contemplativos em pesquisadores de laboratórios, e generalistas em especialistas (KERR, 1982; DRÈZE; DEBELLE, 1983). “A ciência estava começando a tomar o lugar da filosofia moral e, a pesquisa, o lugar do ensino” (KERR, 1982, p. 20)

É este modelo que Flexner (1930) reputou de “universidade moderna” que a filosofia de atuação das Universidades Clássicas (UCs) fundamenta-se, ou seja, na completude entre ensino e pesquisa estabelecida pelo educador e reformador alemão Wilhelm von Humboldt (1767-1835). O modelo humboldtiano baseia-se

por dois princípios: “a unidade do saber” e a “unidade da pesquisa e do ensino”. O primeiro, integra os pesquisadores em uma rede onde o conhecimento é confrontado com a totalidade. O segundo, reforça a necessidade de formar estudantes em um ambiente de pesquisa, e de que, somente um pesquisador poderá verdadeiramente ensinar, qualquer outro, se limitará a transmitir um pensamento inerte.

Diferente do humboldtiano, o modelo napoleônico não se apoiou em um pensamento filosófico, mas concentrou-se em um ensino direcionado às práticas da burguesia, sendo um dos exemplos mais antigos de instrumentalização da universidade pelo Estado (SILVEIRA; BIANCHETTI, 2016).

Como efeitos da segunda e da terceira Revoluções Industriais, a universidade foi solicitada “a produzir conhecimento como nunca o fora – com propósitos locais, regionais, nacionais, e, até mesmo, sem nenhum propósito além do de compreender que quase todas as modalidades do saber podem um dia servir à Humanidade” (KERR, 1982, p. 15). Este novo paradigma requereu novos delineamentos para a universidade. Para Kerr (1982), os objetivos e as finalidades que a universidade se propõe a cumprir são fatores que impulsionam o crescimento da ciência e da tecnologia no mundo.

Em resposta a tensão entre os modelos humboldtiano e napoleônico, e aos avanços da ciência e da tecnologia, surge o modelo norte-americano, rompendo com a tradição do sistema universitário de formar única e exclusivamente a elite. Na concepção universitária americana, a universidade volta-se para o desenvolvimento e progresso social, científico e tecnológico (PROTA, 1987; SINGER, 2001; SILVEIRA; BIANCHETTI, 2016).

Para Dreze e Debelle (1983), a concepção universitária americana foi apresentada por Whitehead (1929), que define este modelo como um “núcleo do progresso”. Sua principal característica está na fusão da teoria com o interesse prático-utilitário.

O modelo americano deu origem a uma universidade realmente moderna, que Kerr (1983) define como “multiversidade”. A multiversidade não é apenas uma receptora de benefícios sociais, é sim, “um elemento altamente produtivo da economia norte-americana” (WOLFF, 1993, p. 57).

Desde a concepção universitária americana, surgiu a ideia da tripla hélice de inovação. Visão que considera para a inovação, a existência da interface entre a universidade, indústria e governo, e que coloca a universidade como vetor do desenvolvimento econômico e social (ETZKOWITS, 2000; SINGER, 2001). A percepção da tríplice hélice foi expandida e ganhou complexidade, com a inclusão da sociedade civil e do ambiente socioecológico nas discussões.

Quanto aos modelos universitários adotados no Brasil, são feitos “verdadeiros transplantes ou adaptações autóctones de estruturas universitárias europeias”. Primeiro o modelo napoleônico; depois, alemão e então o modelo americano (SGUISSARDI, 2006, p. 278).

Paula (2002) salienta que foi o modelo norte-americano, que influenciou as universidades brasileiras e isso é verificado na Reforma Universitária (Lei 5.540/68) de organização e funcionamento do ensino superior brasileiro. Para Paula (2002), várias foram as características da concepção norte-americana, mais voltada para a

construção de tecnologias que visam o atendimento e o desenvolvimento social, incorporadas na Lei 5.540/68.

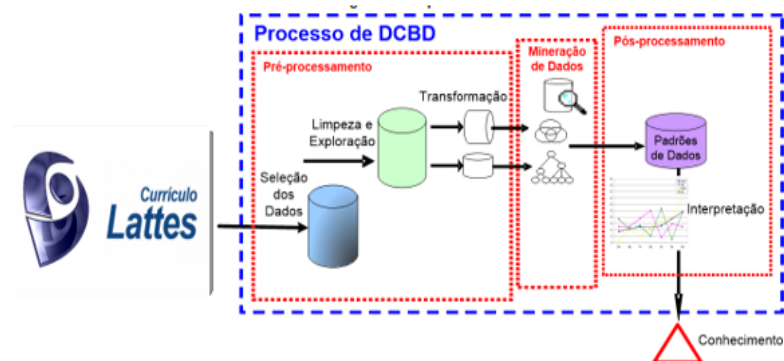
Desde então, a universidade passou a ser vista como necessária, multifuncional e utilitária (TRINDADE, 1999). Em oposição aos conceitos humboldtiano e napoleônicos, a universidade do final do século XX e início do XXI representa um elemento-chave das estratégias desenvolvimentistas que sustentam as políticas de ciência e tecnologia (SILVEIRA, BIANCHETTI, 2016).

Além disso, não há nenhuma universidade que pode ser considerada um tipo ideal. A organização universitária conhecida no século XIX e XX se reinventará para atender às novas demandas. Conforme foi colocado por Kerr (1982), pode-se questionar um modelo, quando ele sai de cena, na História, e abre caminho para um novo modelo, com características diferentes.

METODOLOGIA

A partir dos dados dos currículos Lattes dos docentes das IES: UTFPR e UFABC, percorreram-se as etapas do Processo de Descoberta de Conhecimento em Base de Dados (DCBD), do inglês *Knowledge Discovery in Databases* (KDD) Fayyad et al. (1998), apresentadas na Figura. 1 e descritas a seguir:

Figura 1 - Etapas do Processo de Descoberta do Conhecimento Divididos em: (Pré-processamento, Mineração de dados, Pós-processamento)



(Fonte: Adaptado de Fayyad et al. (1998))

Para a extração dos currículos, utilizou-se o software StelaExperta, ferramenta de gestão acadêmica de acesso restrito, integrada a Plataforma Lattes, que fornece uma variedade de análise e extração de dados em formato Excel (xls). Os registros foram recuperados a partir das listas de docentes disponíveis nos sítios das universidades pesquisadas.

Com os arquivos em formato (xls), iniciou-se o pré-processamento dos dados, que envolve a criação e o enriquecimento da base de dados, a seleção, exploração, limpeza dos registros, resultando na base de dados conforme (Tabela 1), desenvolvida no ambiente do Microsoft Software (MS) Access, com todos os dados distribuídos em seis tabelas.

Tabela 1 - Metadados extraídos para compor: Perfil dos Pesquisadores

Dados	Nome da Tabela	Variáveis	Total de Registros
Cadastrais	Cadastro	05	29.283
Formação	Formação Acadêmica	12	40.617
	Formação Complementar	12	338.929
	Idiomas	06	48.976
Experiência	Área de Atuação	07	55.759
	Atividades Profissionais	14	110.162

O enriquecimento da base de dados fez-se com a criação de variáveis julgadas promissoras para classificar os perfis dos docentes de cada IES e que não constavam nos currículos. São elas: década de formação, atividade por região, atividade por continente, atividade experiência técnica, atividade acadêmica, atividade de gestão, cursos de formação em quatro anos, formação por continente. As variáveis criadas baseiam-se nas já existentes e têm por objetivos dar maior granularidade à massa de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, são apresentados os dados gerais dos docentes, apontando variáveis consideradas importantes para diferenciar as duas instituições. Os dados apresentados são resultados das etapas de pré-processamento de mineração de dados, especificamente, de exploração dos dados. Devido a quantidade de dados e informações nem todas as tabelas estão inseridas no documento, as informações consideradas importantes para traçar o perfil são consideradas na discussão dos dados encontrados.

FORMAÇÃO DOCENTE

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no artigo 52, determina que um terço do corpo docente das IES deve possuir titulação acadêmica de mestrado ou doutorado. A titulação acadêmica está ligada à avaliação institucional de seus cursos e às pesquisas produzidas dentro dos programas de pós-graduação.

Para comparação entre as formações de maior relevância entre as duas IES (Tabela 2), a UFABC possui 100% dos docentes efetivos, com o título de doutorado, enquanto a UTFPR apresenta em seu quadro 69% de seu efetivo composto por docentes com título de doutorado.

Analisando a faixa etária dos docentes (Tabelas não inseridas) a UTFPR possui 4,2% dos docentes de seu quadro na faixa de 25 a 29 anos de idade, não havendo docente nessa faixa para UFABC. Nas faixas etárias de 30 a 34 anos de idade, há percentual maior para a UTFPR.

Nos dados analisados, a UTFPR apresenta um corpo docente mais jovem, com 21% na faixa etária de 25 a 34 anos. A UFABC possui 8,7% de seu quadro dentro dessa faixa etária.

A faixa de 35 a 39 anos de idade prevalece para as duas IES com o maior percentual de docentes.

Tabela 2 - Distribuição dos docentes das IES UTFPR e UFABC por maior titulação

Titulação Máxima dos Pesquisadores	UTFPR		UFABC	
	N	(%)	N	(%)
Doutorado	1755	69,0	651	100
Mestrado Acadêmico	656	25,8	-	-
Mestrado Profissional	28	1,1	-	-
Especialização	74	3,1	-	-
Graduação	14	1,0	-	-

A divisão do corpo docente por Sexo, apresentada na Tabela 3, é semelhante para as duas IES, com a maioria (70%) dos docentes pertencentes ao sexo masculino. Segundo o INEP (2016), a distribuição dos docentes por sexo nas universidades federais no Brasil é de 55% para homens e 45% para mulheres. Apesar da distribuição equitativa entre as duas IES, elas apresentam distorções em relação à média nacional. As áreas de Engenharias (EM) e Ciências Exatas e da Terra (CET), nas duas IES, são as áreas que possuem maior percentual de docentes do sexo masculino.

Realizando o filtro pela Grande Área de Conhecimento (Tabela 3), observa-se pouca diferença entre os docentes da UFABC, quando isolada a área de Engenharia, com 22,5%, para o sexo feminino, e 27,67%, para o masculino. A maior distorção está nas áreas de Ciências Exatas e da Terra, com 40% para o sexo masculino e 27% para o sexo feminino.

Para a tecnológica UTFPR, quando isolada a área de Engenharias, há diferença entre os sexos, com 25% para o sexo feminino e 42,5% para o sexo masculino.

A diferença para o sexo feminino nas áreas de engenharia pode estar relacionada aos contextos históricos, sociais e culturais, que se acentuaram ao longo de décadas, o que inibiu o papel das mulheres na academia, especialmente na área de Engenharias, considerada uma área de predominância do sexo masculino (MOSCHKOVICH et al., 2015; LOMBARDI, 2016). Na clássica UFABC, é constatada maior igualdade de gêneros nas áreas de engenharia, o que demonstra aumento significativo de pesquisadoras nessa área.

Tabela 3- Distribuição dos docentes das IES UTFPR e UFABC por Sexo e Área de conhecimento

Área de Conhecimento	%					
	UTFPR			UFABC		
	Feminino	Masculino	Total	Feminino	Masculino	Total
Ciências Agrárias	3,4	1,4	2,2	15,0	9,8	11,7
Ciências Biológicas	12,2	8,7	9,8	2,9	2,4	2,6
Ciências Exatas e da Terra	26,8	40,0	35,6	22,3	27,6	25,7
Ciências Humanas	18,0	12,5	14,3	13,6	7,7	9,8
Ciências Sociais Aplicadas	9,1	6,9	7,7	5,7	4,8	4,9
Ciências da Saúde	2,5	0,8	1,4	1,4	0,9	1,1
Engenharia	22,5	27,6	25,9	24,9	42,5	36,5

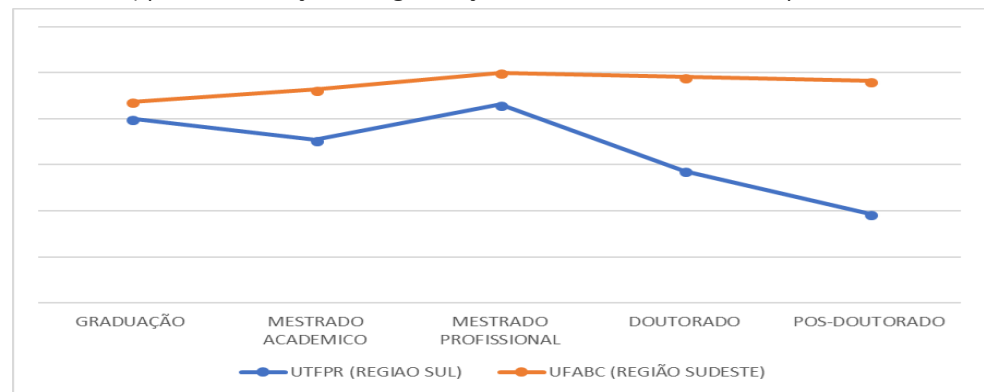
Língua, Literatura e Artes	2,2	0,3	0,8	9,6	1,9	4,6
Multidisciplinar	3,3	1,7	2,4	4,6	2,4	3,1

(Fonte: autores)

A junção de todas as formações dos docentes da tecnológica UTFPR mostra predominância na região do Sul do país, totalizando 70% das formações. Quando se analisa a mobilidade dos docentes da tecnológica UTFPR para outras regiões do país na realização de suas formações (Figura 2), a maior mobilidade está relacionada ao doutorado, 57,39% são realizados na região Sul e 40,21%, na região Sudeste do país. Quando se trata de pós-doutorado, essa mobilidade aumenta, ficando 57,89% dos docentes para a região Sudeste e 38,89% para a região Sul.

Para os docentes da clássica UFABC, considerando-se todas as formações (graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado), o percentual é de 93,27% formados na região Sudeste do Brasil. Os dados da Figura 2 permanecem lineares, significando pouca mobilidade dos docentes da UFABC para realizar suas formações.

Figura 2 - Mobilidades dos docentes da UTFPR (região sul do Brasil) e da UFABC (região sudeste) para as formações de: graduação, mestrados, doutorado e pós-doutorado



(Fonte: autores)

Na distribuição dos docentes pela Grande Área de Conhecimento (tabelas 4 e 5), prevalecem para a tecnológica UTFPR as áreas de: Engenharias (35,8%), Ciências Exatas e da Terra (21,0%) e Ciências Agrárias (10,2%). Na clássica UFABC as áreas de destaques são: Ciências Exatas e da Terra (30%), Engenharias (25,5%) e Ciências Humanas (14,2%).

Os cursos oferecidos pelas IES definem seu perfil institucional. Na UTFPR, há destaque para as áreas de Engenharia, confirmando seu propósito de ser tecnológica, com apoio da área de Ciências Exatas e da Terra.

Sobre as universidades que formaram os docentes (Tabela 4), são selecionadas as 10 com maiores que se destacam na formação dos docentes da UTFPR, estão as IES: UEM (14,3%), UFPR (19,2%), UFSC (12,4%) e UTFPR (14,6%), em um total de 60,6% de todas as formações. Em sua grande maioria, os docentes que pertencem aos quadros da tecnológica UTFPR tiveram sua formação em universidades clássicas.

Separando apenas a variável Graduação, observa-se que a UTFPR responde por 20% das formações de seus docentes. Sobre esse assunto, Yamanoi (2005) destaca que, quando as universidades contratam seus próprios alunos, há uma

réplica da prática acadêmica e do conhecimento aprendido, que é repassado aos alunos e seus pares, e a consolidação das estruturas sociais, em suas crenças, normas e comportamentos, em vez de mentalidades universais.

Quando se analisa a formação de doutorado da tecnológica UTFPR, destaca-se que as universidades UEM, UFPR e Unicamp formaram 49,4% dos docentes. Para pós-doutorado, a USP e a Unicamp formaram (40,2%) dos docentes e as universidades UEM, UFSC e UFPR, 34,31% do total.

A divisão por área de conhecimento na formação docente da UTFPR pode ser dividida em: i) Engenharias – UFSC (26%), UFPR (10%) e Unicamp (10,7%); ii) Ciências Exatas e da Terra – UEM (25,7%), UFPR (20%) e UFSC (10,9%); e iii) Ciências Agrárias – Unioeste (25,4%), UFPR (18,0%) e UFSM (13%).

Tabela 4 - Distribuição das universidades que formaram os docentes da UTFPR por grande área de conhecimento

IES	%								
	CA	CB	CET	CH	CSA	CS	EN	LLA	MULT
UEL	11,6	7,7	4,8	15,5	3,1	-	1,9	13,5	-
UEM	7,6	30,8	25,7	13,1	5,1	21,7	8,1	2,8	6,4
UFPR	18,9	37,2	20,0	25,5	36,7	17,4	10,1	34,0	20,2
UFSC	4,0	2,6	10,9	4,8	12,2	4,3	26,8	26,2	13,8
UFSM	13,0	3,8	1,9	2,0	-	4,3	2,0	0,0	1,8
UNESP	5,0	7,7	6,0	14,3	10,2	-	4,7	9,9	-
UNICAMP	5,4	2,6	9,1	4,8	2,0	13,0	10,7	2,8	5,5
UNIOESTE	25,4	-	0,5	6,4	6,1	-	1,0	4,3	0,9
USP	5,1	6,4	18,9	8,0	18,4	39,3	11,9	5,7	0,9
UTFPR	4,0	1,2	2,2	5,6	6,2	-	22,8	0,8	50,5

(Fonte: autores)

Para as formações dos docentes da clássica UFABC (Tabela 5), duas universidades, USP e Unicamp possui destacada atuação pois formaram 77,66% de todo o quadro docente da UFABC. A divisão por área de conhecimento (Tabela 5) são: i) Ciências Exatas e da Terra – USP (55%) e Unicamp (25,5%); ii) Engenharias (46%) – USP (32%); iii) Ciências Humanas (72%) – USP (12%).

A UFABC não possui em seus quadros nenhum docente que realizou a graduação na própria instituição. Apenas a formação de pós-doutorado, que 7,72% realizaram na própria instituição.

Tabela 5 - Distribuição das universidades que formaram os docentes da UFABC por grande área de conhecimento

IES	%								
	CA	CB	CET	CH	CSA	CS	EN	LLA	MULT
IFUSP	-	-	5,3	-	-	-	0,0	-	-
INPE	-	-	2,3	-	-	-	4,2	-	-
ITA	-	-	-	-	-	-	5,5	-	-
PUC-SP	-	-	-	9,2	14,0	-	0,0	-	-
UFRGS	18,8	3,6	1,3	-	3,5	-	0,4	-	-
UFRJ	-	6,0	3,6	0,7	3,5	-	2,5	-	-
UFSCAR	-	4,8	3,3	2,1	-	-	6,3	-	-
UNESP	50,0	6,0	4,6	2,8	1,8	-	2,5	-	-
UNICAMP	31,2	21,3	25,5	12,8	21,1	-	32,4	100,0	70,0
UNIFESP	-	8,3	-	-	-	78,6	-	-	-

USP | - | 50,0 | 55,0 | 72,4 | 56,1 | 21,4 | 46,2 | 0,0 | 30,0
 (Fonte: autores)

Nas formações dos docentes da UTFPR, as universidades do Sul do Brasil tiveram predominância, revertendo a polarização da região Sudeste como maior formadora do país, considerando que os dados refletem apenas a comparação entre as duas IES (UTFPR e UFABC), no contexto de Brasil.

A Formação Acadêmica dos docentes fora do Brasil, tem como destinos a Europa (8,09%) e a América do Norte (4,27%) para os docentes da UFABC, enquanto a UTFPR a Europa (5,23%) de sua formação.

A relevância da experiência fora de sua localidade previnem a endogenia acadêmica, termo utilizado para descrever os efeitos da produtividade acadêmica.

Alguns estudos apontam que o endógeno ou nativo possui menor índice h e é menos produtivo que o profissional que tem sua origem em outra instituição (HORTA; VELOSO e GREDIAGA, 2010; FURTADO et al., 2015).

As bolsas do CNPq (Tabela 6) podem ser caracterizadas em: Bolsa de Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora (DT) e Produtividade em Pesquisa (PQ).

Tabela 6 - Distribuição do número de bolsas CNPq por modalidades e IES (UTFPR e UFABC)

Bolsas CNPq	UFABC	UTFPR	Total
DT - 1D	-	4	4
DT - 2	2	16	18
PQ - 1A	3	-	3
PQ - 1B	6	2	8
PQ - 1C	3	2	5
PQ - 1D	9	7	16
PQ - 2	-	4	4

(Fonte: autores)

A UTFPR possui mais bolsas DT-2 (N = 16 bolsas) em relação à UFABC (N = 2 bolsas), enquanto a UFABC possui mais bolsas produtividade PQ-1A (N = 3 bolsas) e PQ-1-B (N = 6 bolsas) do que a UTFPR (N = 0 bolsas PQ-1A e N = 2 bolsas PQ-1-B).

As bolsas concedidas pelos CNPq apontam o viés tecnológico do modelo de ensino da UTFPR e confirma o modelo da UFABC como universidade Clássica.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Uma das características das UTs é seu forte relacionamento com o setor produtivo, atendendo às necessidades das empresas na resolução de problemas, pesquisa tecnológica e projetos de extensão (LIEVORE; PILATTI, 2018). Nesse contexto, a experiência fora da área docente, colabora em parcerias de projetos com os setores produtivos.

Ao comparar a variável Experiência Profissional (Tabela 8) dos docentes fora da área acadêmica, há pouca diferença entre as duas IES. Isso demonstra que os docentes do modelo tecnológico não possuem diferencial em relação a uma

universidade clássica. Atualmente, o professor da UTFPR é igual ao professor da UC, quando se trata de sua experiência profissional.

Podemos encontrar na literatura um dos fatores que contribuem para a inexistência de diferença entre as IES, quando se compara a experiência técnica. Pachane (2009) destaca que a crescente aproximação das IES do modelo proposto por Humboldt, voltado à produção científica, à preocupação com a formação de professores para o magistério superior, centrou-se em grande parte na preparação para o desenvolvimento de pesquisas, deixando em segundo plano a experiência técnica.

Na (Tabela 7) observa-se que 83% das experiências profissionais dos docentes da UTFPR são exercidas na região Sul, distribuídas principalmente pelos estados do Paraná (74%), São Paulo (9,28%) e Santa Catarina (5,22%). Destaca-se, como segundo maior percentual, a região Sudeste do Brasil, nas experiências adquiridas pelos docentes da UTFPR.

Na UFABC são assim distribuídas: 89% na região Sudeste (SP, MG e RJ), sendo destaque o estado de São Paulo, com 83% das experiências, o estado de Minas Gerais, com 2,79%, e o Distrito Federal na região Centro-oeste, com 2,59%.

Tabela 7 - Distribuição das experiências profissionais dos docentes por IES (UTFPR e UFABC) por região brasileira

Região	UFABC		UTFPR		Total	
	N	%	N	%	N	%
Centro-Oeste	250	3,4	472	1,9	722	2,5
Nordeste	200	2,7	335	1,6	535	1,6
Norte	28	0,5	181	0,7	209	0,6
Sudeste	6537	89,4	2952	12,0	9489	29,9
Sul	292	4,0	20477	83,8	20769	65,4

(Fonte: autores)

Tabela 8 - Distribuição da experiência técnica dos docentes das IES (UTFPR e UFABC)

Experiência	Total	Experiência Técnica	Experiência Acadêmica
UTFPR	22651	10,0%	90,0%
UFABC	7913	11,0%	89,0%

(Fonte: autores)

A UTFPR apresenta apenas 1,56% de docentes com experiência acadêmica e profissional fora da América Latina, enquanto a UFABC apresenta 5,24%, sendo o principal destino de ambas as IESs a Europa.

Segundo Morosini (2006), um dos fatores que contribuem para a pontuação é a publicação de artigos internacionais, intercâmbios, convênios com outras instituições. Para isso, o docente deve possuir o domínio de outros idiomas.

Sobre o idioma, foram considerados nessa exploração os registros cadastrados para cada docente, analisando-se as variáveis: Compreensão, Conversação, Escrita e Leitura, categorizadas em: bom, regular e pouco. Os dados apontam os conceitos Bom, Pouco e Razoável. Para a tecnológica UTFPR, prevaleceu pouco domínio de línguas e, para a clássica UFABC, Bom domínio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As universidades pesquisadas oferecem propostas e modelos diferenciados para a comunidade, a UTFPR com perfil tecnológico apresenta ofertas de cursos voltados para as áreas de engenharias e tecnologias, e a clássica UFABC com cursos voltados para a licenciatura e engenharias.

Apesar dos docentes da tecnológica UTFPR estarem mais envolvidos com as áreas de engenharias e tecnologias, não houve diferença em comparação com os docentes da clássica UFABC quando se trata de experiências profissionais fora da área acadêmica. Uma das formas da tecnológica UTFPR avançar nessa questão, seria uma maior pontuação em critérios de experiências com os setores produtivos, quando submetidos a seleção de concursos públicos para docentes.

As variáveis com maior destaque na pesquisa apareceram para as Bolsas de produtividade, concedidas aos docentes com maior relevância acadêmica, nesse sentido houve considerável diferença, sendo destaque as bolsas voltadas para pesquisas nas áreas tecnológica para a UTFPR e bolsas de produtividade para a clássica UFABC, distinguindo dessa forma as duas IES.

Outro destaque é a inversão pela procura da formação de doutorado para as regiões Sudeste do País, devido ao aumento de oferta de programas de pós-graduações na região sul do País.

Para comparar de forma ampla os dois modelos de universidades em trabalhos futuros, poderiam ser consideradas variáveis como: artigos publicados em periódicos, inovação, ligações com setores produtivos.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a empresa StelaExperta por não medir esforços para fornecer o suporte para a extração dos dados, dos currículos Lattes dos pesquisadores na plataforma do CNPq.

Profile of young teachers Brazilian universities: a comparative study between UTFPR and UFABC

ABSTRACT

The objective of the present study is to compare the profile of the professors of two of the most important young universities in Brazil, a classic, the Federal University of ABC and the other technological, Federal Technological University of Paraná (UTFPR), in the general aspects of the teacher age, gender, productivity stock); teacher training (region and country of training, national mobility, international mobility and language proficiency); in the professional experience of the teacher (country and region of formation, complementary activities, areas of activity); and the products of this training and professional experience. The study is comparative and exploratory. The documentary corpus was constituted through data from the Lattes Platform using data mining and descriptive statistics with 623,726,000 records analyzed. The results point to variables such as DT and PQ scholarships, formations in the South and Southeast regions, professional experience and other variables that differentiate the teachers profile of these two university models.

KEYWORDS: Technology universities. Classical universities. Teacher profile.

REFERÊNCIAS

BRITO CRUZ, C. H. Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil: desafios para o período 2011 a 2015. **Revista Interesse Nacional**, 2010.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista brasileira de educação**, v. 24, p. 5-15, 2003.

CNPQ. **Divisão das grandes áreas de conhecimento**. 2018. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>>. Acesso em 01 mai. 2018.

CUNHA, L. A. "A universidade crítica: o ensino superior na república populista," **SciELO** Editora UNESP, 2007.

DRÈZE, J. H.; DEBELLE, J. **Concepções da universidade**. Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

ETZKOWITZ, H.; WEBSTER, A.; GEBHARDT, C.; TERRA, B. R. C. The future of the university and the University of the future: evolution of ivory tower to entrepreneurial paradigm. **Research policy**, v. 29, n. 2, p. 313-330, 2000.

FAYYAD, U. M.; PIATETSKY-SHAPIRO, G.; SMYTH, P. From data mining to knowledge discovery in databases. **AI Magazine**, American Association for Artificial Intelligence, California, USA, v. 17, n. 3, p. 37-54, 1996.

FLEXNER, A. **Universities: American, english, german**. Transaction publishers, 1994.

FOLHA DE S. PAULO. Ranking Universitário Folha. Disponível em: <<http://ruf.folha.uol.com.br/2017/>>. Acesso em 18 fev. 2018.

FURTADO, C. A. A Spatiotemporal Analysis of Brazilian Science from the Perspective of Researchers' Career Trajectories. **PloS one**, v. 10, n. 10, p.e 0141528, 2015.

HORTA, H.; VELOSO, F.; GREDIAGA, R. Navel grazing: academic inbreeding and scientific productivity. **Management Science**, Hanover, v. 3, n. 56, p.414-429, mar. 2010.

KERR, C. **Os usos da universidade: com post scriptum 1972**. Edições UFC, Universidade Federal do Ceará, 1982.

LIEVORE, C.; PILATTI, L. A. Entre o tecnológico e o clássico: o modelo de universidade da UTFPR. **Trabalho & Educação**, UFMG, v.27, n.1, p.135-159, 2018.

LOMBARDI, M. R. Por que são tão poucas? um estado da arte dos estudos em “Engenharia e gênero”. Textos Fundação Carlos Chagas. **Relatórios técnicos**, v.49, p.4-48, 2016

MOSCHKOVICH, M.; ALMEIDA, A. M. F. Desigualdades de gênero na carreira acadêmica no Brasil. **Dados-Revista de Ciências Sociais**, v. 58, n. 3, 2015.

PACHANE, G. G. Teoria e prática na formação pedagógica do professor universitário: elementos para discussão. **Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes**, v. 13, n. 1, p.-2009

PAULA, M.F.C. USP e UFRJ: a influência das concepções alemã e francesa em suas fundações. **Tempo Social**, v. 14, n. 2, p. 147-161, 2002.

POHL, A.; SCHIEFLER FILHO, M.F. Modelo Alemão. In: **Modelos internacionais de Universidades tecnológicas** - Contribuições para o projeto político pedagógico Institucional da UTFPR. 2006.

PROTA, L **Um novo modelo de universidade**. Editora Convívio, 1987.

QUACQUARELLI SYMONDS. Top Universities. **QS world university rankings**. 2018. Disponível em: <<http://www.topuniversities.com/qs-world-university-rankings>>. Acesso em 15 fev. 2018.

SGUISSARDI, V. Universidade no Brasil: dos modelos clássicos aos modelos de ocasião. 2006, p. 275 - 289. In: **A universidade no Brasil: concepções e modelos /**

SILVEIRA, Z. S.; BIANCHETTI, L. Universidade moderna: dos interesses do Estado-nação às conveniências do mercado. **Revista brasileira de educação**, v. 21, n. 64, 2016.

SINGER, P. A universidade no olho do furacão. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 42, p. 305-316, 2001.

THE WORLD UNIVERSITY RANKING -**Latin American Ranking**. Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2018/latin-america-university-rankings#!/page/0/length/25/sort_by/rank/sort_order/asc/cols/undefined>. Acesso em 14 ago. 2018.

TRINDADE, H. Universidade em perspectiva: Sociedade, conhecimento e poder. **Revista Brasileira de Educação**, v., n. 10, 1999.

WOLFF, R. P. **O ideal da universidade**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

YAMANOI, A. The academic marketplace in Japan: Inbreeding, grades and organization at Research Universities. **Higher Education Forum**, v.2, p.93-114, 2005.

Recebido: 2019-02-13

Aprovado: 2019-02-28

DOI: 10.3895/rbect.v12n1.9575

Como citar: COSTA, A.; PILATTI, L. A.; SANTOS, C. B.; LIEVORE, C. Perfil dos docentes de jovens universidades brasileiras: estudo comparativo entre UTFPR e UFABC. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*, v. 12, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/9575>>. Acesso em: xxx.

Correspondência: Agnaldo da Costa - guinecosta2@gmail.com

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

